

*Flanelinhas*

# Flanelinhas cobram por tabela

Eles sempre agiram livremente nas ruas movimentadas, mas agora impõem preços que variam de acordo com o local e perfil do motorista, podendo chegar a R\$ 10,00

ADRIANA MENEZES E PAULA STANGE

**A**lém de continuar atuando livremente nas ruas da Grande Vitória sem ser incomodados, os “flanelinhas” estão a cada dia mais audaciosos e criaram, inclusive uma tabela de preços de acordo com o local de atuação e perfil do motorista, que pode chegar até a R\$ 10,00.

A equipe de reportagem de A GAZETA percorreu ontem as principais avenidas da Grande Vitória e constatou a situação, confirmada não só por motoristas como nos depoimentos dos próprios flanelinhas.

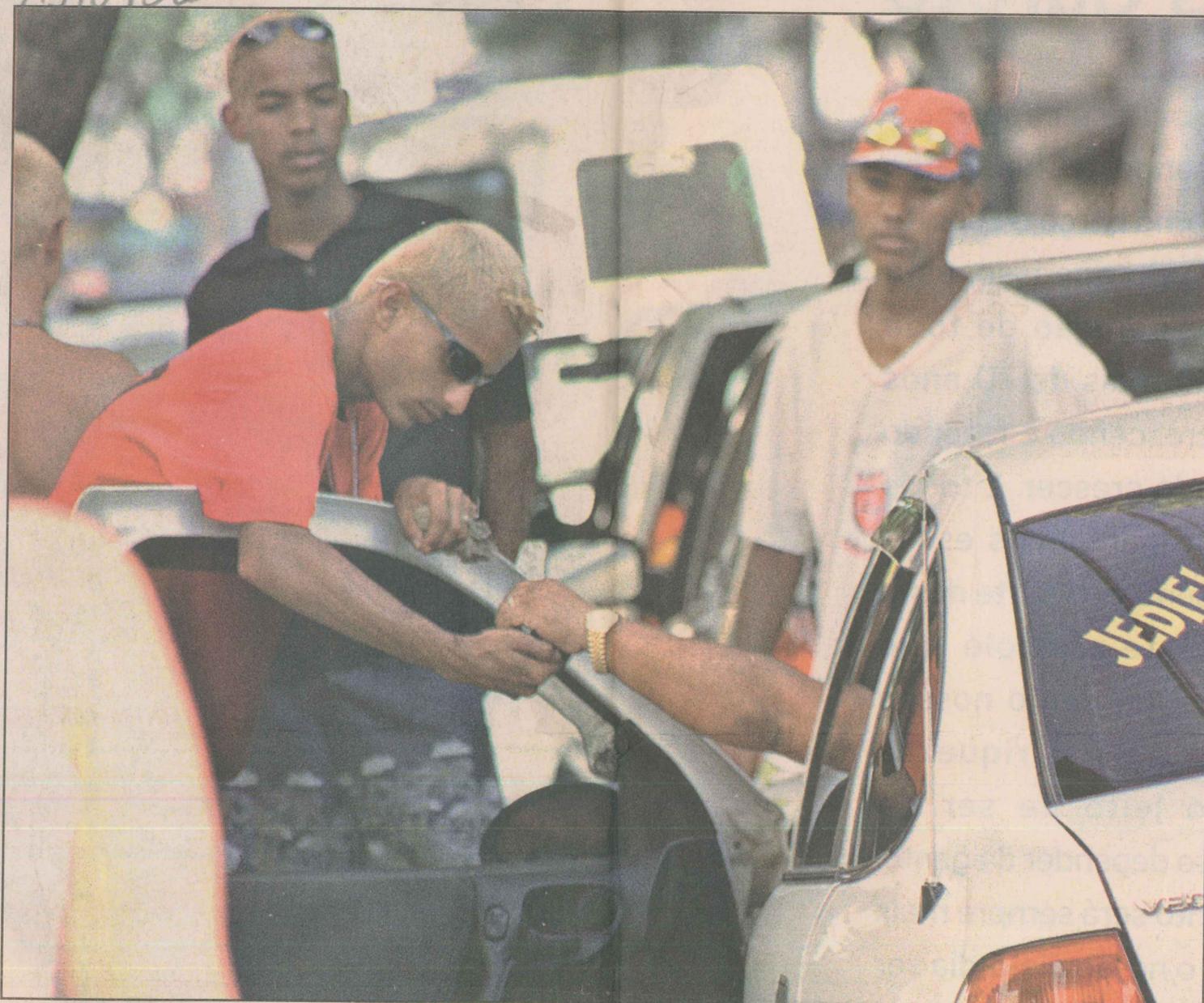
As prefeituras admitem que a situação está “fora de controle” e tentam montar parcerias com a Polícia Militar. A medida, contudo, esbarra na falta de efetivo e fiscalização.

Acuada, a população busca ajuda até em delegacias para evitar a extorsão. Esse foi o caso da advogada Andrea de Crignis Brasil, 29 anos, passou por esse constrangimento ao tentar estacionar o carro na Praça Ubaldo Ramalheite, na semana passada.

Segundo ela, o guardador se aproximou do veículo e disse que o local estava reservado. “Falei que aquilo era ilegal. Na mesma hora, o rapaz começou a gritar que eu estava chamando-o de ladrão”, contou.

Revoltada, a advogada chamou a polícia, que levou o flanelinha para a delegacia, onde foi aberto um processo contra ele. “Acho que tomei a providência certa e que os outros motoristas deveriam fazer o

A116952



Em grupo

Um flanelinha, que se identifica como Marcos, trabalha com outros cinco homens na avenida principal de Campo Grande, em Cariacica, e garante receber de motoristas R\$ 400,00 por mês

Carlos Alberto da Silva

## Ruas loteadas com latas em Cariacica

Em Cariacica, onde o trânsito foi municipalizado no início deste ano, a atuação dos flanelinhas é ainda maior porque os agentes de trânsito não foram contratados pela prefeitura.

O coordenador de trânsito municipal, Leonardo de Almeida, admite que o número de operadores que vendem o tíquete de estacionamento rotativo, apenas 12 pessoas, também é insuficiente.

Com o território livre para agir, os flanelinhas chegam a colocar latas para marcar as vagas do rotativo e com isso, conseguir algum dinheiro extra dos motoristas.

Um flanelinha que se identificou como Marcos, de 19 anos, garante que a população está do lado da “categoria”. “Os clientes não aceitam pagar R\$ 1,00 para ficar aqui só cinco minutos”, disse.

Marcos, que trabalha no local com outros cinco homens, afirma o grupo recebe R\$ 400,00 por mês. “Uma vez compramos a cartela de tíquete de um operador para ele ir embora mais cedo.”

A prefeitura afirma que os operadores contam com o apoio da 2ª Companhia de Trânsito quando surgem ameaças, mas nem todas são formalizadas.

foi aberto um processo contra ele. "Acho que tomei a providência certa e que os outros motoristas deveriam fazer o mesmo. Afinal, até quando a gente vai ser conivente com essa realidade?", indagou.

Outro motorista, o professor Eduardo França, 45 anos, também está indignado com a ação dos guardadores de carro do Centro de Vitória. "Eles são os donos das vagas e mandam onde e como devemos colocar nossos carros", disse.

Na Rua Gonçalves Dias, no

## Em grupo

Centro de Vitória, é possível encontrar mais da metade das 12 vagas do local ocupadas por carros sem o tíquete de estacionamento rotativo.

A operadora que vende os tíquetes afirma que muitos motoristas não compram o talão devido à falta de fiscalização da prefeitura.

"Como não podemos multar os carros e os agen-

tes de trânsito não aparecem, os motoristas não têm se sentem ameaçados. Eu não tenho rádio para acionar os agentes", comenta a operadora, que pediu para não ter o nome divulgado.

Um dos flanelinhas que atua no local disse que, por mês, os motoristas pagam uma mensalidade de até R\$ 100,00 para ter uma

vaga garantida todos os dias na rua.

Segundo o agente de trânsito Fábio Felsky, a abordagem traz risco aos agentes. "Quando temos que abordá-los (os flanelinhas), somos ameaçados. Alguns tentam até nos agredir", afirmou.

De acordo com diretor de Operações e Fiscalização de Trânsito da secretaria de

Carlos Alberto da Silva

o apoio da 2ª Companhia de Trânsito quando surgem ameaças, mas nem todas são formalizadas.

"Na verdade, o rotativo garante o uso das vagas, não a segurança das pessoas. Não há como estabelecer o controle de entrada e saída dos veículos tal como acontece nos shoppings".

Durante a implantação do rotativo no município foi ofertada aos flanelinhas a chance de preencher os postos de trabalho, mas não houve interesse.

# Motoristas são reféns do medo

Nas ruas de Vila Velha, onde o estacionamento rotativo ainda não foi implantado, os flanelinhas agem livremente, apesar de a demanda por vagas de estacionamento ser menor.

Para Marco Antônio Laurindo da Silva, de 24 anos, que já atuou como flanelinha em Vitória, a mudança para

Vila Velha não foi uma boa idéia. "Tiro R\$ 100,00 por mês. Em Vitória eu recebia o dobro, mas a violência entre os próprios flanelinhas é muito grande e saí de lado por medo", conta o rapaz.

Ele atua na Avenida Champagnat e afirma que em outros pontos os demais flanelinhas ameaçam os motoristas.

A informação foi confirmada pelo agente de trânsito Andrade, que já foi alvo de ameaças com uma faca quando estava sem o uniforme. "Sempre oriento os motoristas a prestarem queixa na delegacia", disse.

A moradora da Avenida Champagnat, Luciana Gonçalves Schimidt, diz que é refém dos flanelinhas, e gasta, em média R\$ 30,00 por mês com gorjetas. "Gostaria que a prefeitura implantasse o rotativo", opinou.

O secretário de Transporte

e Trânsito de Vila Velha, Ary Bastos, descartou a possibilidade de uma solução rápida para o problema. "O estacionamento rotativo é polêmico e não possui apoio de toda a população. Mas, a sua implantação é inevitável com o crescimento da cidade."

Bastos anuncia que o município vai convocar uma audiência pública para discutir o assunto. "Temos que democratizar o acesso às vagas e garantir a segurança da população, mas precisamos da participação de todos."

## Quem paga a conta

**'NÃO ACEITO SER COBRADA POR ELES'**



"Já fui extorquida por flanelinhas. Um me chamou de miserável, como se fôssemos obrigados a deixar alguma coisa com eles. O preço é diferenciado de acordo com o local. Em frente ao Clube Álvares Cabral em dias de show eles pedem o dinheiro antes. Já pagamos IPVA, impostos de todo o tipo. Não aceito ser cobrada por flanelinhas"

**Cecília Blank Rodrigues**  
33 anos, professora

**'NÃO HÁ VAGAS SEM AGRADÁ-LOS'**



"Sempre carrego um dinheiro trocado no bolso para deixar com os flanelinhas, porque não há como conseguir vagas sem agradá-los. O que mais existe aqui, na Avenida Exedito Garcia, em Campo Grande, Cariacica, é o assédio deles. Ninguém faz nada para mudar essa situação"

**Márcio Antônio Gonçalves**  
37 anos, metalúrgico